A VELHA GUARDA

Orgão local do Partido Republicano Portuguez

Editor:

AGOSTINHO F. ROCHA

Propriedade da Empresa de A Velha Guarda

Redactor principal:

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARAES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:—RUA ELIAS GARCIA, 46—Composto e impresso na Tip. de A VELHA GUARDA—Rua Elias Garcia, 45 GUIMARÃES

Hospital dos tifosos A SUA REABERTURA

Da Associação Comercial, desta cidade, recebemos um officio, rogando a nossa comparência, numa reunião que devia realizar-se na sua sede, no dia 18 do corrente, pelas 21 horas, afim de se tratar das providências a tomar por causa da epidemia do tifo exantemático e dos meios a empregar para que rapidamente se conseguisse a reabertura do respectivo hospital.

Não nos foi possível comparecer nessa reunião, por motivos de ordem particular, embora reconhecessemos que o assunto a tratar era de magna importância e que merecia de todos o mais sincero apoio.

Tratava-se, como se vê, de conseguir a debelação dum mal de terribes consequências para a população da cidade, mal que nos aquece há bastante tempo já, chamando-se para isto a atenção do Governo e pedindo-lhe o seu auxilio material.

Pelo extracto dos jornais sabemos que na referida reunião, onde compareceram a autoridade administrativa, representantes de várias colectividades e imprensa, foi nomeada uma comissão para se entender directamente com o sr. Governador Civil do distrito.

Urge que S. Ex.ª ouça essa Comissão e inste com o Governo para que atenda as suas justas reclamações.

E, já agora, diremos mais duas coisas, o mesmo que diríamos, talvez, na reunião, se a ela tivéssemos podido assistir.

Louvamos a iniciativa da Associação Comercial, em proteger e reforçar as reclamações formuladas pela Sub-delegação de Saúde, visto esta entidade official se não ter feito ouvir pelos poderes centrais; mas entendemos que a Associação Comercial pode e deve fazer mais alguma coisa. A sua acção, como uma das principais forças vivas da cidade, não se deve limitar simplesmente a conseguir a reabertura do hospital, deve ir mais longe.

Tem-se dito e distintos médicos o teem affirmado que o principal transmissor da doença do tifo é o piolho. Este nojento parasita desenvolve-se com extrema facilidade nas casas, onde ha miséria e fome e, portanto, falta de higiene.

A crise das subsistências e a crise de habitações são os principais factores que produzem o desenvolvimento da epidemia do tifo exantemático, no nosso meio.

Eis, pois, dois problemas que a Associação Comercial poderia encarar de frente, se quizesse.

E' digno de louvor o ataque à terrível doença, mas mais digno de louvor seria o ataque às causas que a produzem.

Temos aí uma câmara à vontade do elemento conservador de Guimarães; ninguém ignora também que a Associação Comercial é, na sua maioria, conservadora; que mais é preciso?

Não ha incompatibilidades de espécie alguma; basta apenas lançar mãos à obra e trabalhar.

Perdoem-nos os nossos leitores esta divagação pelo campo politico; mas ella torna-se necessária. E' preciso que se saiba a quem, amanhã, se hão-de imputar as responsabilidades da inaptidão e da inércia da Câmara actual.

E' preciso que se saiba que essas responsabilidades caberão aos chamados conservadores que elegeram, com os seus votos, os super-homens que, actualmente, dirigem o nosso municipio.

Subsistências e habitações são os dois problemas mais importantes a resolver e que a Associação Comercial e a Câmara devem tomar a sério: aquella, como sendo a mais importante das forças vivas da cidade; esta como corporação administrativa que tem por principal dever zelar os interesses e velar pelo bem estar dos municipes.

E' necessário e absolutamente indispensável que ninguém fique a duvidar da sinceridade das palavras d'esses politicos, *à la minute*, que, nas vespertinas das eleições esmarárias, proclamavam, em letras garrafais, que era mister entregar o municipio à gente boa, à gente competente (eram elles) e depreciavam os seus adversarios, caluniando-os, miseravelmente.

E' necessário e absolutamente indispensável que ninguém fique a duvidar um momento sequer das promessas feitas por esses charlatães de feira, para que o povo não diga que foi logrado na sua boa fé.

Res non verba.

De palavrado anda o mundo cheio.

Somos a voz que clama no deserto?

Que importa?...

Manda-nos a consciência que lutemos, que terçemos armas em defesa do povo humilde que sofre, que definha e que sucumbe à mingua. Mas note-se que não é o povo que assaltou estabelecimentos, quando a Câmara anterior tinha um celeiro para abastecer os pobres e que agora vive satisfeito com a Câmara actual que nada tem feito em seu favor, que nós defendemos. Nós não defendemos assalariados e submissos às ordens de senhores suspeitos. Em favor d'esses, não escreviamos uma única linha.

A Câmara nada tem feito em beneficio das classes pobres e as chamadas forças vivas da cidade não teem dado um único passo em seu auxilio.

Até a Sopa Económica Vimaranesa, simpática instituição que apagava a fome a dezenas de famintos, desapareceu, acabou!

Suprema vergonha para uma cidade que se intitula de nobre por tradição!

Onde está a nobreza dum povo que deixa cair, velhacamente, uma tão bela instituição de caridade?

Ha familias que, cheias de miséria e de fome, vivem em verdadeiras pocilgas, dormindo a um canto sobre uma caixa, numa promiscuidade de animais imundos.

A nossa cidade é abundante em quadros tristes desta natureza e é para elles que nós pretendemos chamar a atenção da Câmara e da Associação Comercial.

Abriu um hospital para doentes

tifosos é um bem humanitário, mas é pouco. Evitar a doença é um bem mais humanitario ainda.

Passemos agora a outro ponto: Ha dois anos e meio (foi em Março de 1918) que em Guimarães se deram os primeiros casos de tifo e que o edificio da Escola Primária Geral, á rua de Francisco Agra, foi convertido em hospital provisório para tifosos.

Era de crer que, dentro de alguns meses, a epidemia fosse combatida e que a escola voltasse a funcionar no seu edificio próprio. Afinal o tempo foi-se passando, a epidemia continuou no mesmo estado e ainda hoje, dois anos e meio passados, é preciso que o hospital funcione.

A escola, depois de estar sem funcionar durante muito tempo, instalou-se, em péssimas condições, na parte do edificio desocupada. Mas o que sabemos e garantimos é que a frequência diminuiu em mais de metade, depois que o hospital ali se instalou, porque muitas familias teem repugnância em mandar os seus filhos á escola, devido a junto de la funcionar o hospital do piolho, como o vulgo o intitula.

Ora aqui está outro caso que merece ser ponderado e para o qual chamamos a atenção das autoridades competentes.

Como se vê, o tifo assentou arraiais em terras de Vimaranes e vai tomando um carácter permanente; e, por isso, o hospital tem que deixar de ser provisório para ser efectivo.

Mas de du's coisas uma: ou hospital ou escola. Ambos a funcionar no mesmo edificio, ainda que separados por uma parede, não faz sentido. Crianças famintas de ar puro, recreando e brincando num terreito, em frente ao hospital e trabalhando em salas contiguas áquelas em que permanecem doentes do tifo, não convêm.

Ha possibilidade em instalar-se o hospital ou a escola noutra parte?

Teem a palavra as forças vivas da cidade, todas as entidades que teem por dever dirigir e orientar.

Proceda-se depois, mas conscienciosamente.

O TRIUNFO do REGIME LIBERAL 1820-1920

A cidade do Porto vestiu-se de galas e recebeu dentro dos seus muros o venerando Chefe do Estado para festejar o centenário da revolução de 1820, que pôs termo ao regime absoluto e proclamou o regime constitucional.

A revolução francesa, abolindo o regime das castas e proclamando os direitos do homem, fez abalar nos seus alicerces os tronos da velha Europa.

D. Maria I, a fanática, enlouqueceu de desgosto e seu filho D. João assumiu a regência do reino.

Com o bloqueio continental, surgiram incompatibilidades com Napoleão que mandou invadir o nosso país e D. João fugiu para o Brazil com a sua corte, deixando-nos entregues ao acaso da sorte.

Os ingleses que vieram ajudar-nos a expulsar o inimigo, começaram a fazer do nosso país um campo de exploração para as suas ambições desenfreadas. Isto era já deles. Beresford era o senhor.

Os nossos militares mais briosos eram vexados e os lugares de mais responsabilidade entregues a officiaes ingleses.

Descoberta a conspiração de 1817, o general Gomes Freire de Andrade foi a primeira vitima sacrificada ao ódio inglês e jesuíta.

Mas o ideal proclamado em França tinha já raizes em Portugal.

Manoel Fernandes Tomás foi o seu grande precursor e em 1820 elle triunfou.

Os ingleses retiraram e a tirania realista acabou para sempre.

Eram poucos os soldados liberais, mas valentes e ardorosos, alimentando sempre uma fé viva na doutrina que apostolizavam e venceram.

E é este exemplo que nos dá uma crença inabalavel nos triunfantes destinos da República.

E' este exemplo que nos afirma que a República triunfará sempre, a pesar das mais arditosas ciladas que os seus inimigos lhe armem, a ideia da Liberdade vive na alma do povo.

Se muitas vezes ella é sofismada, a culpa é somente daqueles que a exploram traiçoeiramente em seu proveito, mas nunca daqueles que a consideram na sua verdadeira pureza.

Viva a Liberdade!

Pelas Taipas

A incuria municipal que em toda a cidade se vem revelando de um modo vergonhoso, tem o seu auge naquella linda estancia termal, que pela nossa illustre vereação está sendo votada ao desprezo, a ponto de nos merecer a suspeita de que suas excelencias não a consideram como importante povoação do concelho.

Ainda está bem presente no animo de todos os vimaranenses o protesto ordeiro e energico com que a povoação das Taipas se ma-

nifestou quando do corte da luz electrica e o perigo iminente para a desmembração do concelho. Alguem houve então que reconhecendo a justiça dos reclamantes procurou com todo o empenho encontrar uma solução conciliatoria e evitar o mal que ameaçava o concelho. Concordeu a vereação vimaranense com a plataforma estabelecida e tomou o compromisso de atender as reclamações das Taipas, conseguindo assim sustar o movimento de independencia que já vinha tendo a adesão de toda a gente.

Foi realmente atencioso o povo das Taipas e mostrou que no seu plano nada mais havia do que uma revindicação justa dos seus direitos e não, como malevolamente alguem pretendeu afirmar, qualquer intuito politico.

Confiados na seriedade e cavalheirismo dos nossos vereadores, poseram os das Taipas termo a todos os seus trabalhos e protestos e ficaram aguardando o cumprimento das promessas da vereação.

Baldado esforço: as promessas não foram cumpridas e—suprema vergonha!—ainda se conserva vereador o pelouro das Taipas o já celebre A. L. de Carvalho, que, ao povo daquela povoação tem dirigido insultos de que talvez um dia tenha de dar sérias contas.

E, claro está, com este illustre mentor continua tudo precisamente no mesmo estado de abandono. A vassoura nunca mais appareceu nas ruas daquela povoação; os jardins morrem à mingua de uma gota de agua; os pavimentos vão-se deteriorando livremente; etc.—

Enfim, ao passar nas Taipas temos bem a ideia de uma coisa abandonada. Pois, senhores vereadores, era bom que se lembrassem de que a estancia termal das Taipas é frequentada por milhares de aqvistas, que constituem uma das melhores fontes de receita para o municipio, que não basta só fazer a cobrança de impostos e cuidar de servir os afilhados e compadres.

Cumpra a Camara a sua promessa, não vá o leão acordar.

IMPRESSÕES e PENSARES

A caminho do goso

Principia a maré vazante da gente fervilheira para as praias de horizontes largos, onde os pensamentos se perdem e a vista se cansa, e onde a vida é bocejante de espreguiçamento morno, picada de curiosidades e o coceante de distracções variadas.

E lá vão essas romarias de povo em abalada feliz viver um curto período de uma outra vida bem diversa da de sempre, da de todos os dias, numa vida nova, airada e gaia de paraíso propicio aos encantos dum amor sem freio e á exhibição dum luxo vaporoso e fresco, uma vida de rumor gargalhado e chapinante, de joguinhos inocentes, de curas miraculosas, de calhares casamenteiros e de surpresas chochas.

Como as gaivotas aos trambolhões no espaço azul surdas do ronquejo do mar, assim andam num balouço de adormecimento, ao sabôr caprichoso da musica vovejante de palavras e protestos de amor, essas Evas que se deixam enredar na trama larga dos programas ridentes de futuros esperançosos que á beira mar lhes segredam num murmurar de reza por entre biquinhos de beijos mal esboçados.

A vida de praia é uma vida enganosa, de apparencias e de mistérios, illusória, de balão de ensaio, de arraial festeiro; tem a fantasmagoria encantada e postiza duma opereta e roda veloz, agitada, sempre num variar de Kaleidoscópico, porque sendo de pouca dura é preciso que marque, é preciso que o góso seja activo, que as distracções sejam espertas, e que a tentação prenda e que a graça seduza.

E' uma vida espevitada de des- embarço, expressiva de alacridade, barulhenta, risonha, anda sempre no ar a rede subtil de perfumes inebriantes e entontecedores, e ao longo dos passeios mais concorridos, as vestimentas borbolejantes das senhoras, fagueiramente bafejadas pela aragem e baloiçosas pelos movimentos desempoeirados, parecem o rodopio confuso de côres num bailado russo, chamando á gula do olhar os passeantes observadores.

E' a tentação de vertigem duma vida alada de caprichos, de vontades e de conveniencias.

E a vida passa numa despreocupação de sonho banal que findou, mas trabalhosa e cuidada.

Ha que pensar no esmero e na harmonia do vestir bem; no aprumo e na elegancia do requiebro andante e do cumprimento demorado; ha que dar graça ao sorrir e inflexão gorgeada ao falar.

Um viver de praia é independente de tudo um viver de paraíso.

Está o corpo na quebreira do descanso; o pensamento anda num trabalhar lento de aranha lá nuns mundos distantes de idealisação franca e de melhor calhar; o coração em balouço amoroso ao gesto das palavras meigas que o deleitam, ou em ansias confortaveis de regalo a experimentar; os ouvidos escutando sempre aquela musica incompreensivel das sereias e mouras encantadas que vem por mares em fóra na vibração quebrada das ondas mansas; e os olhos sempre em extase arroubador quando fitam a largueza do ceu e o azul estrado das aguas maritimas, ou ainda em extase derretido, concupiscente, á hora do banho, pela gira das praias, quando as Deusas

deste país do pecado se vão a banhar com emoções de deleite e se deixam abraçar pelas ondas em carinho brando de suavidade fresca.

Que vida de paz invejavel!
E' o decorrer dum conto lèdo das mil e uma noites de fantasia e quimera!

O rodar duma historieta de príncipes enamorados que os avós contam aos netinhos pelo serão trabalhoso, á lareira.

Mas como não é vida duradoura, com o regresso da praia vem a tristeza, a desolação mortal, e como um sonho bom que se escoa brandamente ao abrir de leve as pupilas alquebradas para a realidade da vida, assim as saudades dum viver divertido e brincalhão se chocam com as recordações teimosas dum tempo que já lá vai, e deixando um frémito de ansia suspirosa, vão caindo desludidamente nas amarguras, nos aborrecimentos e nos desgostos de sempre, de todos os dias.

Mas a vida assim tormentosa, sofredora, dura mais, dura muito, dura que farte. A outra, se assim fosse de continuo divertida, alegre, nem a gente lhe tomaria o gosto, duraria o instante furtivo dum furtado beijo de amor.

E as romarias de povo lá vão, atraídas ao bulício das praias como as borboletas á tentação da luz.

Só eu fico e sem saudades dos que partem.

Serra Carvalho.

VARIA

TIFO EXANTEMÁTICO

Continua fazendo vítimas esta epidemia que ha muito não deixa Guimarães. Parece que, em face da gravidade de tal doença, as autoridades locais não se deveriam poupar a esforços para que, não só com os recursos de que a terra pudesse dispor mas também com todos os que se pudessem obter do governo, nenhum dos meios que a sciencia aconselha para combater o mal deixasse de se empregar.

Nada disso porém acontece. Os srs. dissidentes tomaram conta disto com a complicitade dos monarchicos e do sr. Domingos Pereira de Braga. Incompetentes e nescios como são, sem iniciativa que não seja como a de surripiar o dinheiro do jôgo de Vizela ou fazer jogos malabares com sacos de açúcar cujas contas nunca aparecem, não tratam de coisa alguma que interesse ao concelho e, do alto da sua omni-potência, deixaram que se fechasse o hospital que havia, tendo morrido os tíficos por aí, ao abandono, com gravissimo risco duma cidade inteira!

A administração do concelho e a Câmara, onde ha dois médicos a um dos quais, provavelmente, está confiado o pelouro da hygiene, conservam-se mudas e quédas, não pensando senão no açúcar que chego, mas ninguém vê; e foi preciso que a Associação Commercial, chamada a terreno pela imprensa da terra, apesar do assunto directamente a não interessar, tomasse a iniciativa duma reunião que se realizou ha dias para se estudar esse importantissimo assunto.

Ao que chegou a Câmara Municipal deste concelho!

E' preciso que a Associação Commercial a substitua para se tratar de casos de tanto interesse e gravidade como este!

Revejamos nesta obra os srs. monarchicos e mais o sr. Pereira, de Braga, que á força quizeram impugnar a um concelho desta ordem criaturas como as da dissidência!

Rua do Padre Caldas

O «Comercio de Guimarães», não se lembrando, e no certeza que é assim que, ha anos, se denomina a antiga Rua de Santa Cruz, pede que lhe dêem o nome do falecido Cônego José Maria Gomes.

Sem quererem negar ao falecido, professor merecimento para uma homenagem, dessa natureza, em hora achemos cêdo, ainda quente o seu cadaver, para o apreciar com a devida seriedade, entendemos que, para o lembrarmos aos viadouros, não necessamos de pagar o nome do Padre Caldas, cuja memoria bem merece o nosso respeito e que tão amigo foi desta terra, de que escreveu a historia, em dois volumes, que pena é não haja quem reedite.

Crêmos bem que só por lapso o «Comercio de Guimarães» perflhou tal ideia.

Dr. Rocha dos Santos

Foi julgado, á revelia, no Tribunal Militar do Porto, este conhecido reaccionário de Guimarães. Absolveram-no.

Se fôssemos odentos e maus como ele é, incomodar-nos ia á injustiça que, porventura, terá havido da sentença que o absolveu.

Mas não. Supômo-lo bem castigado com a má sorte que o tem persguido no exilio e com o ter tido que restituir a metade das despesas de contos que faltaram no celeiro municipal.

E' provavel que, apesar dos seus maus instintos, a lição lhe tenha aproveitado e, de resto, não nos parece que algum dia se lhe proporcione nova occasião de fazer mais mal. Os seus rancores afogar-se-ão na raiva da sua impotencia.

Pois se até os correligionários o repelem!...

Azeite

Que faz a Câmara em face da carestia absoluta deste genero de primeira necessidade?

Antigamente, as vereações, quando o azeite faltava, empregavam todos os esforços por obtê-lo e vendiam-no ao público pelo preço por que o conseguiam.

Occasões houve em que para não sobrecarregar o seu cus o, os próprios vereadores o iam vender ao público, pondo de parte os seus afazeres pessoais.

E agora?

Agora os srs. dissidentes o que querem é açúcar que chega mas nunca se distribue, vendo-se por aí sacos e saquinhos debaixo do braço de certas senhoras que redopiam todo o dia não se sabe ainda bem para onde.

Mas que fazer se na dissidência não ha escrupulo nem vergonha?

Sinos

Não se podem aturar. Nem na aldeia mais sertaneja se abusa assim da paciência de quem tem ouvidos, como ultimamente, nesta terra que se quer ter por civilizada.

O nosso Código de Posturas diz que, sob pena de 3 escudos de multa, são proibidos os toques de sinos que excedam tres minutos, cada um, considerando-se como um só toque os que se fizerem com um intervalo inferior a uma hora.

Esta disposição fizeram-na cumprir as Câmaras anteriores e não consta que com isso fôssem prejudicados os padres ou os devotos.

Agora, com o desleixo a que os dissidentes votaram tudo isto

os sinos tocam horas seguidas, numa fúria que endoidece quem não possa fugir para longe. Os do Campo da Feira são os que mais abusam.

Não ha terra alguma do país, e, por certo, que nem do estrangeiro, onde tão infernal barulheira se consinta.

Para que servem os zeladores municipais, se é que ainda ha disso?

Água

Alguem chama a nossa atenção para o caso de estar já fechado ha muito o marco fontenário do Largo Martins Sarmiento e pede-nos que reclamemos providências.

Que ingenuidade!
Importam-se bem com isso os dissidentes! Contanto que não lhes falte o açúcar nem o dinheiro da batota, querem lá saber se o público tem ou não água!

A Câmara anterior já tinha estudado este importantissimo assunto, e, se de camaradagem com os monarchicos e com a alta protecção do sr. Domingos lhe não tivessem roubado a eleição, não se teria esquecido de, na occasião oportuna, que já passou, proceder aos trabalhos preliminares indispensaveis para captar á água que nos faz falta, na vertente nordeste da Penha, onde abunda.

Os dissidentes sabem lá destas coisas?

Nem sabem, nem querem, nem coitados, nunca poderão saber.

O açúcar

Chegou ha perto dum mez a esta cidade, com destino á Câmara uma importante remessa de açúcar.

Pois não ha maneira desse açúcar se distribuir ao público.

Entretanto os boatos vão correndo e já em pleno café se tem affirmado que para casa dum vereador foram alguns sacos. E' mentira? Talvez. Mas de quem é a culpa? Da Câmara que conserva o açúcar escondido e que não vem a público mostrar, duma forma clara, quantos kilos recebeu e qual o destino que lhes deu.

Para que serve o orgão do pessoal menor? Ou acontecerá com o açúcar o mesmo que succedeu com o dinheiro de Vizela?

Cesteiro que faz um cêsto...

Padre Caldas, integralista

Aparece-nos agora monarchico-integralista este senhor padre amigo da dissidência.

Que ele era monarchico já o sabemos ha muito; como tal o vimos prestar valiosos serviços á dissidência, de que foi delegado eleitoral na assembleia de Ronfe, por occasião das eleições municipais. Foi com estes ajudantes, com o sr. Domingos Pereira, de Braga, e as escandalosas falsificações das actas na casa do Arco que a dissidência conseguiu empalmar a Câmara.

Nessa mesma qualidade colaborou ele na «Alyorada» orgão da dissidência, hoje dirgido por dois guardas do liceu.

O que não sabemos é que estava integralista, nem mesmo que havia qualquer coisa disso cá na terra. Pois ha, e, dessa coisa, é vice-presidente o sr. Padre Caldas, amigo e colaborador dos dissidentes.

Noticiario

Guimarães de noite

A cidade, que deveria estar patulhada e policiada de noite, como outrora, está ha tempos, m'roê da tal coisa que para ahí existe, peor que qualquer aldeia sertaneja.

Não ha policia, não ha guardas, não se vêem os zeladores municipais. No jardim publico temos visto cortarem-se dezenas de flores sem que a isso se obste. Os disturbios e os motins, na cidade, suce-

dem-se quasi todas as noites. A mulheres da vida airada, crusam se em todas as direcções, desafiando os transentes. Uma perfeita bacanal. Guimarães que deveria progredir, tem estacionado, tem decado. Urge, pois, que os habitantes desta cidade se precavenham, reconhecendo que os imbecis, que se alcandoraram em nossos mentores, só tem sido prejudiciais á mesma, chegando ao ponto de se ridicularisarem.

OBITUARIO

ANTONIO DA SILVA CARVALEO GUIZE

Faleceu, no lugar da Cruz da freguesia de Azorem, suburbos d'esta cidade, no dia 24 do corrente, o nosso amigo e correligionario sr. Antonio da Silva Carvalho Guize, viuvo, de 34 anos, tipografo. O finado moço foi um dos martires do sidon mo, pois foi preso na noite de 15 de Dezembro de 1918, seguindo na leva dos 23 republicanos vimaranenses, para o Porto. Já nessa occasião a sua saúde estava bastante abalada, concorrendo essa prisão para o seu aquilamento.

Era filho do nosso amigo sr. José da Silva Carvalho Guize, proprietario da tipografia Guize, e sobrinho do também nosso amigo e correligionario sr. Francisco Raimundo de Sousa Guize, director das cadeias civis desta comarca. A familia enlutada apresentamos a expressão sincera da nossa viva condolencia.

Caldas das Taipas, 19.

A festa realisada no preterito domingo em beneficio dos bombeiros voluntarios desta povoação foi cheia de encantos, podendo dizer se que nunca nesta estancia se fez tão linda. A concorrência foi numerosissima, encontrando se entre a assistência a nossa mais elegante sociedade, que com o fino gesto das suas luxuosas toilettes deu ao recato um aspecto encantador.

Todos os números do programma foram executados com toda a perfeição, conquistando os concorrentes fartos applausos.

A banda de infantaria 8, sob a regencia do ex.º sr. Tenente Figueiras, executou de tarde e á noite um escolhido programma, sendo muito ovacionada.

A distribuição dos premios que teve lugar no Salão Nobre do Hotel das Termas foi também concorridissima, assim como a soiree que se lhe seguiu e que foi abrilliantada por muitas senhoras da nossa melhor sociedade.

Os premios couberam:

Torneio Automobilista — Senhoras premiadas: D. Emilia Costa e Silva, D. Elisa Machado, D. Virginia Martins e D. Laura Barros.

Automoveis Grandes — Armando Ferreira, Mario Ferreira, Virgilio Ribeiro da Cunha.

Automoveis pequenos — Ernesto Correia e Alberto Cunha.

Concurso Hipico — Prova Omnium: 1.º premio, Capitão Pires Campos; 2.º e 3.º premios, Capitão Falcão Pereira; 4.º premio, Tenente Souza Lobo.

Prova Taça das Damas — 1.º premio (Taça das Damas) Alcega Francisco Pimenta; 2.º premio, Capitão Pires Campos; 3.º premio, Tenente Souza Lobo; 4.º premio, Capitão Falcão Pereira.

— Ontem realison se um interessante sarau no Hotel Villas, dando-se animadamente até a madrugada.

Tomaram parte na festa interessantes senhoras vestidas á vaoza que davam á sala um aspecto interessante.

Disseram se monologos e pots as adequadas, houve concurso de pensamentos, poesias e caricaturas, côros musicais, etc.

Uma festa que deve ter de xado belas recordações em todos os que a ella assistiram.